

CONVITE À LEITURA DE *IL POEMA DEI LUNATICI* DE ERMANNO CAVAZZONI

Ana Maria Carlos *

Resumo: O artigo propõe um caminho de leitura do romance *Il poema dei lunatici*, de Ermanno Cavazzoni.

Palavras-chave: literatura italiana moderna, fábula/romance/poema, fantástico, absurdo

Il poema dei lunatici, obra sobre a qual farei aqui um breve relato a partir das minhas impressões de leitura, procurando levantar algumas questões que me pareceram significativas, foi escrito por Ermanno Cavazzoni em 1987. Este autor, que nasceu na região de Reggio Emilia em 1947, é hoje pesquisador de Estética na Universidade de Bologna. Em seu primeiro livro, publicado em 1976, com o título *Guida alla lettura del quotidiano. Lo studio dell'italiano in un corso 150 ore*, o autor tenta "desmontar o mecanismo da notícia do jornal através de exercícios que levem a um novo texto: a notícia não falsificada"¹. Estudioso de Edmondo De Amicis, descobre em sua obra um imenso projeto de catalogação do universo a partir do vocabulário. Tais estudos o levam, então, a publicar o ensaio "L'opera segreta di Edmondo De Amicis", em 1981 e, em 1992, com a colaboração de outros autores, o livro *I sette cuori*, onde reescreve o conto "Sangue romagnolo", deixando intactos os verbos e a sintaxe e mudando sistematicamente os substantivos. Em 1986, Cavazzoni percorreu sua região natal recolhendo memórias de alienados e relatórios médicos nos arquivos dos manicômios emilianos. Com esse material em mãos, escreve "Acque dei pozzi", texto que faz parte da coletânea *Esplorazioni sulla via Emilia*.

* Professora de Literatura Italiana junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Assis.

1 Luciano Morbiano, "Ermanno Cavazzoni", *Lettera d'Italia*, v. 28, ott.-dic. 1992, p.7.

Scritture nel paesaggio, em conjunto com Gianni Celati, Tonino Guerra, Antonio Tabucchi e outros, e o romance *Il poema dei lunatici*. Seu segundo romance, publicado em 1991, chama-se *Le tentazioni de Girolamo*, e descreve uma noite numa biblioteca povoada de seres monstruosos e grotescos, que surgem ao protagonista trazidas, ironicamente, por uma moderna entidade psicopompa – um analgésico – que ele toma em virtude de uma dor de dente.

Os dados sobre Ermanno Cavazzoni são poucos, porém significativos para a elucidação dos dezoito capítulos de *Il poema dei lunatici*. Percorrendo seu histórico bibliográfico, podemos perceber a constante preocupação do autor com o "desvelamento de segredos" – estejam eles contidos em notícias de jornais, na obra de um autor do século passado ou em arquivos de manicômios. Se a palavra "elucidação" reproduz sempre o processo de abordagem frente a qualquer texto literário, neste romance tal conceito se torna fundamental. Essa fábula/romance/poema – exemplo da intrincada mescla de gêneros que modernamente a literatura nos apresenta – adverte o leitor desde o início sobre o trabalho de delucidação que ele terá que empreender durante a leitura. Vejamos o que diz o narrador:

*"I casi che mi sono capitati, debbo ancora capirli,
e non ho smesso di rifletterci sopra.*

*Io stesso, quel che ho fatto e i discorsi che ho fatto
in certi frangenti, non so come li potrei definire.
Quindi ecco che li sottopongo all'attenzione di
qualcheduno che se ne intenda. Poi staremo a
vedere.*

*Così dicendo sono più tranquillo, e da parte mia
non dico più niente; se non i fatti come mi sono
sembrati"².*

A partir daí, o protagonista conduzirá o leitor em sua viagem a um mundo fantástico, absurdo, burlesco, mas também poético e maravilhoso. Nessa viagem o leitor percorrerá, junto do louco e poético Savini, o universo do indefinível, onde nada é de verdade, onde tudo apenas parece ser, onde nada se sabe, onde tudo se imagina. A busca que o protagonista realiza não é

2 Ermanno Cavazzoni, *Il poema dei lunatici*, Torino, Bollati Boringhieri, 1989, p.10.

outra coisa senão a busca do sentido, do significado de um mundo que deixou de ser lógico. A todo momento nós o veremos entretido na procura de um elo que ligue os incoerentes fatos e situações com as quais se depara.

Já que o livro retrata a longa procura de Savini por significados que se encontram secretos, os dois símbolos mais utilizados pelo autor serão o da água e o da lua, representantes que são das energias inconscientes e das motivações secretas e desconhecidas. A maioria dos fatos relatados mantém relação com a água e são visualizados através da falsa luz da lua, astro regente das águas, dos loucos e dos poetas.

Com o firme propósito de descobrir o mistério escondido nas garrafas no fundo dos poços, o protagonista parte, num indeterminado final de agosto, cheio de suspeitas e perplexidade diante dessas mensagens, das quais têm somente vagas e imprecisas informações: sabe apenas que há pessoas que ouvem freqüentemente vozes e lamentos vindos do fundo dos poços:

"È difficile forse da credere, anche se la cosa è risaputa e comune; ma qui dicevano che le voci sono come le bottiglie e che non si capiscono le une come non si capiscono le altre. Potrebbero essere superstizioni, in un certo senso"³

Seguindo a rota dessas vozes, interrogando as pessoas que encontra pelo caminho, o narrador vai nos colocando frente a frente a todo um elenco de personagens dos mais intrigantes, que vivenciam situações totalmente absurdas. Por exemplo, contam-lhe a estória de um maestro que tem sua casa e toda mobília transformados repentinamente num bosque repleto de árvores e plantas. Esclarecem as testemunhas que a causadora do fenômeno tinha sido a água:

"Aveva l'idea, questo loro maestro, che la casa stesse con le fondamenta nell'acqua, e che quindi a forza di starci avesse fatto delle radici che pescavano molto in profondo [...] Cosicché ha incominciato a vedere che dal pavimento, dalle fessure, cresceva dell'erba grassa [...] Ma ha

3 Idem, ibidem, p. 11.

*visto che i mobili avevano buttato i rami e le foglie, come se fossero stati lì a aspettare che venisse il momento. Si erano svegliati dal sonno, e germogliavano*⁴

O protagonista – *o inspetor das águas* – vai ficando cada vez mais maravilhado por aquilo tudo que ouve, sobretudo após encontrar Nestor, um personagem que irá lhe relatar as estórias mais fantásticas de todo o romance. Através dele conheceremos Irene, sua esposa, *la vaporiera*:

[...] l'ho chiamata vaporiera per il fatto che era naturale così, da un certo momento in avanti. Veramente però era per i capelli che tutti si son messi a chiamarla così, ma per me lei era un locomotore e il divano per me allora erano le rotaie [...]

Lei aveva queste rotaie che finivano sopra il divano e io proprio pensavo che salivo sul treno e le bruciava dentro la carbonella in una especie di fornace che doveva avere da qualche parte, per fare il vapore [...]

Io ero come esaurito sempre, ma ero nelle sue mani e non ci vedeva bene per effetto dell'esaurimento, e sentivo solo il rumore delle rotaie e tutto il vapore che produceva e soffiava, e io ero un povero uomo esaurito che faceva il marito come poteva [...]

*Io lo immaginavo questo locomotore; ma era anche un po' vero. Credevo allora che funzionassero per gli stessi principi, e che avesse i polmoni come un fornello. Poteva anche darsi. Ecco che fosse in piccolo un locomotore, di dentro*⁵

⁴ Idem, ibidem, p. 18.
⁵ Idem, ibidem, p. 40.

Ou, então, seu "preferencial" amor pelos eletrodomésticos:

"Sono meglio gli elettrodomestici' [...] io ho sempre saputo che gli elettrodomestici non sanno parlare, e non son delle donne. Io non mi sono mai una volta confuso. E lo dico esplicitamente che vanno per l'elettricità e per un loro automatismo che vuole andare così.

Ma mi sono sempre trovato bene con loro, che son regolari e avranno anche i loro difetti. Ad esempio dico che non mi metto proprio a parlare con loro, perché non hanno la possibilità; sono degli elettrodomestici con le loro limitazioni.

Però dico che delle piccole frasi, così, per star più vicini, gli fanno piacere, delle frasi così, come 'dai! da bravo, sta attento', ma così per farlo sentire contento e stimato, perché un tostapane non avrebbe bisogno di niente. Lui sa contare i minuti e scattare, perché è di quella razza che scatta. Ma non lo voglio lasciare lì tutto da solo a contare i minuti"⁶

Nestor conta ainda a Savini sua interessante teoria de que as casas, na verdade, são feitas de papelão, o que leva o protagonista a deduzir que também as pessoas não vivem realmente, mas que apenas representem um espetáculo. Todavia, será a aparição do prefeito Gonnella – com sua imensa "prefeitura invisível" – que possibilitará a Savini deparar-se com situações muito estranhas. A teoria principal de Gonnella é a de que a verdade deve ser buscada sempre nos "subentendidos":

"L'arte è tutta lì: di capire gli uomini; psicologicamente. Che cosa voglion da te [...] Che non conta quello che dicono, non conta niente; ma si deve stare attentissimi al sottinteso"⁷

⁶ Idem, ibidem, p. 57-8.

⁷ Idem, ibidem, p. 57-8.

É ele também quem irá contar a Savini vários fatos históricos com novas e "verdadeiras" versões. Por exemplo, para ele, os Astecas não desapareceram,

*"[...] sono stati intanati. Hanno sempre una grande paura degli spagnoli che possan tornare. E allora per mimetizzarsi non abitano più il vecchio regno, che è stato lasciato andare in rovina; ma ormai è nel regno minerale che stanno, dove le città son sotto terra, nella forma più celata possibile, cioè allo stato di roccia"*⁸

Há também a irônica versão hipotetizada por ele e por Savini, de como seria a batalha de Waterloo vista pelos olhos de alguém que possuísse uma casa em meio à planície de Waterloo:

*"Lui lo sapeva che quello era il villaggio di Waterloo perché c'era nato; ma ancora non sapeva che sarebbe diventato famoso per la battaglia. E vedeva solo che c'era una confusione di divise e di genti, perché alcuni sembrava che avessero una gran fretta e passavano gridando di corsa o al galoppo; altri, invece, si buttavano per terra come fossero morti di stanchezza; altri si preparavano il pranzo, e altri dopo essere passati una volta puliti e ordinati, li si riconosceva che tornavano indietro poco allegri, sporchi e pieni di graffi"*⁹

Para esse homenzinho, então, a batalha de Waterloo fora uma incompreensível batalha contra o seu estimado jardim, destruído por tiros e pelas patas dos cavalos dos exércitos napoleônicos.

A prefeitura secreta de Gonnella, catalogada criteriosamente por Savini a fim de ser depois registrada e demarcada em um Atlas transparente, é toda povoada por insólitos seres, como por exemplo, os *repetidores*, *"individui temibili, instancabili, con una gran parlantina, che non si fanno*

8 Idem, ibidem, p. 117.

9 Idem, ibidem, p. 252-3.

*vedere [...] ma si fanno sentire, e ripetono tutto quello che a uno gli passa in mente, stando nascosti lì nei paraggi*¹⁰; ou as madonas:

"[...] bisogna sapere che la madonna probabilmente non è una. Che ce ne sia solo una, dotata di ubiquità, come dicono, o di simili acrobazie, e che a essere avvistata sia sempre la stessa, è un'illusione.

[...] Tutto ciò dunque significa che la madonna è una razza, molto caratterizzata somaticamente, tanto che confrontiamo la verità dei tipi e le sagome individuali.

[...] Sembra cioè che questa popolazione non sia numerosissima; forse alcune migliaia di esemplari che vivono sparsi e isolati l'uno dall'altro. E non si conoscono forme di aggregazione, perché stando sempre alle testimonianze, si incontrano solo madonne singole, mai capannelli o piccole comunità, e neanche due o tre madonne riunite.

*[...] Un altro carattere delle madonne è questo. Quando compaiono e fin che rimangono fanno il rumore del neon, ma è difficile che abbiano un potenziale elettrico o un voltaggio, o siano collegate alla rete dell'alta tensione*¹¹

No meio de sua busca dos segredos escondidos, e sob a influência de uma lua cheia de aparência enorme, Savini apaixona-se:

"C'era il buio ma ho visto i capelli che han svolazzato. Così ho fatto una nota dolcissima e lunga; poi ho ascoltato. Ma niente.

Invece ho visto frullare qualcosa giù in mezzo a una siepe e mi è parso qualcuno che si era andato a nascondere.

Poi, ecco, mi batte il cuore fortissimo, perché sento chiaro e vicino il grido acuto della starna in

10 Idem, ibidem, p. 119.

11 Idem, ibidem, p. 126-7, 133.

*amore. E dev'essere lei, mi dico, che mi risponde
in quel modo. Dev'essere scesa nell'orto, e sta
annidata in un solco del prato, per farsi trovare.*

*[...] Poi è successo questo: che stava già
cominciando a albeggiare e io non sapevo più
dov'era finita. Non avevo neanche la forza di
continuare a chiamarla; e mi accovaccio allora
sotto una collina.*

*E mentre sono lì, si sente all'improvviso squillare il
canto del gallo.*

*Alzo gli occhi, e ho visto sopra la costa del monte
ma vicinissimo a me questo gallo tutto rigido e col
collo tirato che si strozzava nel suo canto
acutissimo. E lo vedo dritto contro il cielo
schiarito.*

Io non so perché, sono rimasto agghiacciato.

*E lei vedendomi, perché il gallo era lei, spicca un
gran volo e mi piomba addosso. E io, via per i
boschi, e lei dietro, beccandomi se riusciva ogni
tanto la testa. E tentava di prendermi per la pelle
del collo e di saltarmi sulle spalle con le zampe.
Ma invano¹²*

Explicando seu encontro ao prefeito Gonnella, Savini conta: "Era bellissima, era un gallo, ma anch'io capivo che era una contraddizione"¹³ Só ao final, ele conseguirá "explicar" essa estranha idéia a si mesmo:

*"Io pensavo che le donne fossero una fantasia che
ti viene a trovare, e non si sa mai quale capita. E
che quindi fossero anche, come possibilità, galli o
galline, a seconda; o che fossero ad esempio un
vapore che ti fa soffrire, o un male di petto, o non
so, una febbre mentale, un'asma, oppure un
venticello celeste, o in certi casi dei granchi o
degli stantuffi. Cioè non si può dire niente di fisso
e di certo. Io pensavo che le donne nella loro*

12 Idem, ibidem, p. 197-9.

13 Idem, ibidem, p. 204.

sostanza fossero tutta una fauna indecisa, cioè come un galoppo che passa nel midollo spinale e dentro la fronte, di sirene, orche marine, tonni; e poi anche leopardi, cammello, cornacchie, volpi, zanzare, formiche, eccetera all'infinito; perché chi può sapere i casi che ci son nella vita? di incantamento?"¹⁴

São inúmeras as estórias ouvidas e vividas por Savini, que ao final é novamente encarcerado no hospício do qual havia escapado exatamente um mês antes. Porém, ao invés de ter desvendado os segredos daquele universo caótico, o narrador chega ao final do relato ainda mais confuso do que quando o iniciara:

"Ero arrivato a questo punto, che forse era un punto incompiuto. Però non sapevo cosa pensare. E in fondo, – mi debbo essere detto – non so più bene neanche chi sono. Perché era un'epoca fatta così, molto ispirata; da quando avevo avuto quel sospetto, che ci fossero delle bottiglie nei pozzi, di tutti quelli che son naufragati. E allora l'ho chiesto chi sono io, quando mi hanno visto tornare. Ero seduto su una sedia imbottita e dicevo: <<Chi sono?>> Ma loro non erano molto contenti"¹⁵

E nós, leitores, somos obrigados a concluir, tal e qual o personagem de Guimarães Rosa, em "A terceira margem do rio", que "*ninguém é doido. Ou, então, todos...*"

Abstract: This article proposes a way of reading of the book *Il poema dei lunatici* by Ermanno Cavazzoni.

Key-words: Italian modern literature, fable/novel/poem, fantasticality, absurdity.

14 Idem, *ibidem*, p. 271.

15 Idem, *ibidem*, p. 298.